

# EXTERIORIZAÇÃO

o fenômeno psicológico na filosofia  
da psicologia de Wittgenstein

UTTERANCE

*the psychological phenomenon in Wittgenstein's philosophy of psychology*

**João Henrique Lima Almeida<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: [joaohlalmeida@gmail.com](mailto:joaohlalmeida@gmail.com).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4065838357233650>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5702-3794>.



**RESUMO:** Objeta-se, primeiramente, uma imagem persuasiva do interior como uma entidade demarcada do exterior por critérios metafísicos ou empíricos. A análise gramatical de Wittgenstein anuvia as fronteiras entre ambos os conceitos que apenas podem encontrar demarcação através de investigações lógicas. O que chamamos de interior frequentemente está manifesto e é na exterioridade que encontramos critérios para sua conceituação. Uma daquelas investigações ocorre através da análise de sentenças que enunciam fenômenos mentais, psicológicos ou anímicos, que são profundamente assimétricas entre primeira e terceira pessoa. Em primeira pessoa, essas sentenças exteriorizam o anímico. É justamente pelo fato do anímico estar exteriorizado no comportamento que a ciência psicológica é possível. Não se trata de considerar o anímico, os acontecimentos psíquicos ou vivências, como objetos similares aos físicos, que são inspecionados e relatados pelo sujeito, nem de considerar o comportamento em si como objeto físico e objeto científico da Psicologia. O que se coloca como possibilidade científica para uma Psicologia a partir de Wittgenstein é o próprio estudo das exteriorizações como forma de inserção do anímico na linguagem.

**Palavras-chave:** Wittgenstein. Exteriorização. Interior. Psicologia. Vivência.

## **ABSTRACT:**

ABSTRACT: First, a persuasive image of the interior is objected to as an entity demarcated from the exterior by metaphysical or empirical criteria. Wittgenstein's grammatical analysis blurs the boundaries between both concepts that can only find demarcation through logical investigations. What we call interior is often uttered and it is in exteriority that we find criteria for its conceptualization. One of those investigations occurs through the analysis of sentences that enunciate mental or psychological phenomena, which are profoundly asymmetric between first and third person. In the first person, these sentences externalize the soul. It is precisely because the soul is externalized in behavior that psychological science is possible. It is not about considering the soul, psychic events or experiences, as objects similar to physical ones, which are inspected and reported by the subject, nor about considering behavior itself as a physical object and scientific object of Psychology. What emerges as a scientific possibility for a Psychology based on Wittgenstein is the very study of externalizations or utterances as a way of inserting the soul into language.

**Keywords:** Wittgenstein. Utterance. Inner. Psychology. Experience.

## INTRODUÇÃO

A imagem de que nosso interior possui uma demarcação clara com o exterior por conta do que eles são ou de como podemos conhecê-los parece fazer sentido. No entanto, a exploração da Filosofia da Psicologia de Wittgenstein apresenta outro diagnóstico: essa distinção só pode ser lógica e sem fronteiras fixas. Isso porque o que a análise da gramática psicológica mostra é a assimetria entre a fala em primeira pessoa sobre o que se passa em si e a fala sobre o que se passa em outrem. Aprendemos esses dois usos de maneira diferente: o segundo caso depende de critérios públicos de correção a partir da observação e o primeiro dispensa quaisquer critérios. A fala sobre si pode cumprir funções expressivas, o que quer dizer que o interior pode estar manifesto na exterioridade. Ao comportamento que manifesta diretamente estados psicológicos, Wittgenstein chama exteriorização. Com esse conceito trabalharemos a assimetria primeira-terceira pessoa de um ponto de vista não-paralelista: não se trata de haver uma vivência (Erlebnis) – conceito guarda-chuva para os fenômenos psíquicos em Wittgenstein (WITTGENSTEIN, 1988 I, §836) – paralela a cada exteriorização, tampouco um traço fisiológico paralelo a cada vivência. Apesar de acontecimentos fisiológicos e psíquicos possuírem sua função na cadeia causal, esta não é a de dar sentido à exteriorização, que se satisfaz no próprio movimento das práticas simbólicas. Essa herança do psicologismo naturalista é combatida na análise da gramática psicológica que, se organizada, nos permite ver de que modo a ciência psicológica pode ser preparada: através da elucidação lógica das exteriorizações. Esse esboço pode nos permitir responder à pergunta: é possível atribuir sem margem de incerteza um fenômeno psicológico a alguém?

## 1 UMA IMAGEM PERSUASIVA DO INTERIOR

Ignoremos por um momento a exigência de expressão primitiva para que uma sensação seja tratada linguisticamente. Aceitemos que eu só possa inferir que outra pessoa sente dor porque eu sinto algo que também chamo de dor. Ou seja, com “dor” ele nomeia

a *sua* dor, e eu nomeio a minha. Só posso saber o que é a dor dele por analogia à minha própria. Wittgenstein joga luz sobre esse problema com a seguinte ilustração:

Ora, todo mundo me diz que só sabe o que é a dor a partir de seu próprio caso! — Suponhamos que cada um tivesse uma com algo dentro que chamamos de “besouro”. Ninguém pode olhar na caixa do outro e todo mundo diz que sabe o que é um besouro apenas ao olhar para *seu* besouro. — Aqui seria possível que todos tivessem algo diferente em sua caixa. Poder-se-ia até imaginar tal coisa mudando constantemente. — Mas e se, ainda assim, a palavra “besouro” dessas pessoas tivesse um uso? — Se tivesse, não seria o de nome de uma coisa. A coisa na caixa não pertence de modo algum ao jogo de linguagem; nem sequer como um *Algo*: pois a caixa poderia até estar vazia. — Não, essa coisa na caixa pode ser ‘reduzida’; cancela-se, seja lá o que for. Isso quer dizer: se construímos a gramática da expressão da sensação sobre o modelo de ‘objeto e nome’, então o objeto cai fora da consideração como irrelevante (WITTGENSTEIN, 2009a, §293b).

O modelo objeto e designação – ou objeto e nome –, se aplicado às sensações, torna o objeto irrelevante por razões aqui já expostas: um objeto a ser nomeado é inserido na linguagem, primeiro, como *meio de apresentação*. Este funciona como uma amostra, como um critério de correção, para a aplicação do nome. Se as sensações fossem *objetos* internos e, por isso, inacessíveis a terceiros, o indivíduo que sente seria deixado por conta própria para efetuar a nomeação. Nesse caso, o que cumpriria a função de um critério de correção? Uma imagem mnemônica? São nossas lembranças das coisas fixas e confiáveis como o metro-padrão de Paris? Nos encontramos em apuros, uma vez que critérios de correção são públicos por excelência. Logo, uma sensação só pode participar de jogos de linguagem, isto é, só podemos falar dela com sentido, porque a apresentamos publicamente, porque ela ganha expressão. Caso isso não ocorresse, não poderíamos saber dela. E é possível notar como tal lógica se aplica a quaisquer objetos, estados, atos, processos numa palavra, eventos presumivelmente internos<sup>2</sup>.

A representação, tão falada por Frege (2002b) como participante de um mundo da consciência acessível apenas ao indivíduo que a possui, entra nessa mesma caracterização. Wittgenstein chega a dizer que “Deve-se perguntar, não o que são representações ou o que ocorre quando alguém representa algo, mas como a palavra ‘representação’ é usada” (WITTGENSTEIN, 2009a, §370). “O que são representações” pode ser uma pergunta para

---

<sup>2</sup> “Processos internos necessitam de critérios externos” (WITTGENSTEIN, 2009a, §580)

a Psicologia, mas não para a análise filosófica. Não se chega aqui a asserir que as representações possuem a mesma estrutura de sua expressão, uma vez que o isomorfismo é abolido, mas sim que a lógica de expressão de representações é uma lógica fundada publicamente – assim como toda a Lógica.

Qual então a origem da cisão entre interior e exterior?<sup>3</sup> Wittgenstein não julga ser misteriosa a solução para uma tal pergunta: “Parece que é assim: há aqui um interior, sobre o qual se podia tirar apenas conclusões precipitadas a partir de um exterior. É uma imagem e o que a justifica é óbvio. A aparente certeza da primeira pessoa, a incerteza da terceira” (WITTGENSTEIN, 2014 I, §951). Com efeito, parecemos estar certos do que se passa no nosso interior pelo simples fato de que não podemos colocar isso em dúvida. Não se pode simplesmente duvidar da própria dor ou da própria fome. Do mesmo modo, parecemos estar incertos do que se passa no outro, uma vez que não podemos sentir o que ele sente, então poderemos sempre imaginar sua expressão como dissimulada. Mas é Wittgenstein quem também adverte que “a incerteza sobre o que ocorre em outrem não é o oposto da sua própria indubitabilidade” (WITTGENSTEIN, 2014 II, MS 169, §206). Isso quer dizer que não é contingencial a ausência de dúvida de alguém sobre o que se passa em si, tampouco é contingencial nossa incerteza sobre o que se passa em outrem. De modo que, feitos os ajustes corretos, eu pudesse estar sempre certo do que se passa em outrem e ele pudesse sempre duvidar do que se passa em si. O que Wittgenstein tenta exhibir é que assim como a segurança é constitutiva das nossas manifestações psicológicas em primeira pessoa, a insegurança o é para descrições em terceira pessoa. E ser constitutivo não é o mesmo que ser essencial uma vez que muitas vezes podemos estar certos dos sentimentos de outrem. No entanto, devido aos sentimentos de outrem não serem meus, meu modo de agir acerca deles é radicalmente distinto do seu. E “a dúvida só tem lugar em situações posteriores à assimilação das formas de ação primitivas em que se baseiam nossas práticas” (OLIVEIRA, 2020, n.p.).

---

<sup>3</sup> Tal imagem cindida de ser humano possui duas dimensões muito bem expostas por William Child (2017): uma metafísica e uma epistêmica. Metafísica por apresentar a dicotomia interior-exterior como uma distinção entre dois reinos ontológicos, distintos em substância, externa e causalmente relatados; e epistêmica por implicar que minhas sensações são inacessíveis a terceiros, bem como a deles a mim, resultando que apenas quem sente pode obter conhecimento sobre a sensação e outros no máximo inferir ou adivinhar (p. 466).

Traduziremos tal assimetria em jogos de linguagem com o objetivo de lançar nova luz sobre o problema. Se vemos alguém se contorcendo com a mão na barriga, pensamos coisas do tipo “vai saber o que se passa nele!” ou concluímos “esta pessoa sente dores!”? Para pôr em dúvida a dor expressa pelo outro, é necessário que imaginemos um contexto mais amplo onde motivos para o fingimento se apresentam. Sem esse contexto, o comportamento de dor oferece critério epistêmico seguro para asserirmos que alguém sente dor.

Ora, o ato de imaginar contextos distintos para duvidar ou ter certeza da dor do outro é precisamente o que não acontece na asserção de dor em primeira pessoa. Para dizer que sinto dores não preciso observar meu comportamento, tampouco imaginar contextos ou causas, eu apenas as expresso. Como a asserção de dor em primeira pessoa não está assentada em critérios, não é possível conceber níveis de dúvida – “Duvido um pouco que eu sinta dores” – ou níveis de certeza para ela – “Tenho certeza absoluta que sinto dores”. A dúvida está relacionada com as evidências típicas de uma atribuição de dor em terceira, mas não se aplica à primeira pessoa. E essa assimetria podemos notar não apenas na dor, mas em todos os verbos psicológicos: acreditar, ter esperança, tencionar, desejar etc.

As assimetrias encontradas nos verbos psicológicos flexionados no presente do indicativo apontam para o caráter expressivo da primeira pessoa em oposição ao caráter descritivo, baseado na observação da terceira. É uma assimetria implicada na nossa forma de vida. Ela não supõe uma divisão ontológica ou epistêmica entre mundo interno e mundo externo. O que podemos supor, por outro lado, é que se os critérios de evidência do interior se distinguem radicalmente para primeira e terceira pessoa, que a vida anímica possui um estatuto de outra ordem: não empírico, não metafísico, mas um estatuto lógico (WITTGENSTEIN, 2014 II, MS 173, §16).

Quando Wittgenstein enfatiza o aspecto lógico das proposições acerca da vida anímica ele evita a metafísica e o empiricismo envolvidos em observações psicológicas tradicionais sobre o interior. Evita a metafísica envolvida na asserção de que o interior e o exterior são ontologicamente distintos, ou seja, compostos por substâncias distintas, na oposição coisa pensante *versus* coisa extensa; e evita o empiricismo envolvido na asserção de que a dicotomia interior-exterior é um fato da experiência e não um aspecto gramatical. Tais distinções não interessam à lógica que, em sua metodologia, localiza essas dicotomias na linguagem.

A ênfase no tratamento lógico do anímico se manifesta nas investigações wittgensteinianas, sobretudo, na noção de assimetria dos conceitos psicológicos. Ao analisar jogos de linguagem, Wittgenstein exhibe como os verbos envolvidos na expressão de fenômenos psicológicos apresentam uma clivagem entre o seu emprego na primeira pessoa do singular no presente do indicativo e seu emprego na terceira pessoa. Tomemos, por exemplo, o desejo. Se alguém diz: “J.H. deseja uma cerveja”, ele o faz com base em critérios comportamentais: o que J.H. diz e/ou faz. Agora se eu digo: “Desejo uma cerveja”, não o faço tendo como critério meu comportamento tampouco a observação de objetos ou estados internos. Eu apenas o faço. É por isso que Wittgenstein chama esse tipo de proposição de *Äusserung*, que significa exteriorização ou manifestação.

Esse tipo de assimetria linguística, que nos induz à crença de que estamos cindidos entre o interior de substância A que eu observo e o exterior de substância B que outros observam, não passa, no entanto, de uma norma gramatical de expressão. A assimetria indica apenas que o emprego de conceitos psicológicos em terceira pessoa se baseia na observação e o emprego em primeira pessoa não se baseia em nada: trata-se apenas de uma exteriorização. Com isso damos um passo atrás e notamos que uma imagem de assimetria metafísica ou empírica não passa de uma ficção gramatical.

Apesar de Wittgenstein não encontrar lugar para o anímico nas categorias do corpo (WITTGENSTEIN, 1988 II, §690), a assimetria não nos permite atestar nem que há um espírito *substancialmente* distinto do corpo nem que não há tal coisa. Apenas nos faz ver que a noção muito persuasiva de que o interior é composto por objetos que só o sujeito possui acesso é fictícia. Sejam eles ideias, representações ou eventos privados. Nas seções posteriores, desdobraremos a rejeição dessa imagem do interior para: (i) a noção de que há um correlato neurofisiológico para os fenômenos psicológicos; e (ii) a observação de fenômenos psicológicos, fundamental para o estabelecimento do caráter científico da Psicologia.

## 2 PARALELISMO E ASSIMETRIA

Há inúmeros meios pelos quais se tentou solucionar o problema da relação entre os assim chamados fenômenos mentais e os fenômenos físicos. É possível extrair de Wittgenstein uma crítica a grande parte, senão a todas essas tentativas. No entanto, poucas delas merecem menção direta de Wittgenstein. Uma delas é algo recorrente e advém da relação de Wittgenstein com Bertrand Russell, que é o behaviorismo. Nas IF, o behaviorismo é tomado como a concepção de que tudo – como os fenômenos mentais –, exceto o comportamento humano – fenômeno físico –, é uma ficção (WITTGENSTEIN, 2009a, §307). Para Wittgenstein, não passa de um erro gramatical postular a não-existência dos fenômenos mentais ou exclusão de seus conceitos da terminologia científica, uma vez que eles possuem papel significativo na nossa linguagem. É do mesmo modo errôneo crer que a pressa na experimentação científica irá desemaranhar os problemas conceituais em Psicologia. Wittgenstein assemelha esse movimento ao movimento inocente do ilusionista que é na verdade o momento decisivo do truque (WITTGENSTEIN, 2009a, §308). Os escritos pós-IF nos ajudam a compreender que o problema da asserção *a priori* de que tudo se reduz ao comportamental, ao físico, é que existem expressões linguísticas irreduzíveis a expressões comportamentais ou físicas. É impossível reduzi-las sem que algo seja deixado para trás, o que indica o caráter lógico do anímico. Wittgenstein ilustra isso, entre outras passagens, ao dizer que quando alguém fala “Me deixe só, estou pensando sobre...” não se quer dizer com isso “Me deixe só, agora estou me comportando de tal e tal modo”, o que implica que pensar não é se comportar (WITTGENSTEIN, 1988 II, §12).

Outra tentativa de explicar a relação entre fenômenos mental e físico mencionada por Wittgenstein é o paralelismo psicofísico, que postula uma total correspondência entre fenômeno mental e fenômeno físico. Um trecho das OFP diz o seguinte:

O preconceito em favor do paralelismo psicofísico é também fruto de uma concepção primitiva de gramática. Pois quando se admite uma causalidade entre fenômenos psicológicos que não é mediada fisiologicamente se imagina que fazer isso é admitir a existência de uma alma *ao lado* do corpo, uma natureza mental fantasmagórica (WITTGENSTEIN, 1988, I, §906).

De modo geral, o paralelismo psicofísico e o behaviorismo são rejeitados por resultarem de uma má concepção da gramática de nossa linguagem. Como encontramos e corrigimos o erro gramatical? Para Wittgenstein a nossa apreensão de fenômenos é organizada pelos jogos de linguagem que empregamos (WITTGENSTEIN, 1988, I, §619). É isso que permite à Filosofia ser uma atividade investigativa sobre as possibilidades dos fenômenos ao mesmo tempo que analisa o conjunto de regras que governam a linguagem (WITTGENSTEIN, 2009a, §90). Desse modo, são os chamados conceitos psicológicos que organizarão o que chamaremos de fenômeno psicológico. Não se trata aqui de um idealismo vulgar onde o pensamento determina o mundo, uma vez que já vimos que é o próprio comportamento humano a matéria-prima da linguagem: as contingências do mundo determinam o estabelecimento de jogos de linguagem, um conjunto de práticas normativas humanas, que, por sua vez, regulam o modo como tomamos o mundo.

Vimos também que conceitos psicológicos possuem uma especificidade: eles são assimétricos entre a primeira e a terceira pessoa. O emprego de verbos psicológicos no presente do indicativo, em terceira pessoa, tem por critério a observação do comportamento; em primeira pessoa, não possuem critério algum. São exteriorizações. O uso dos verbos psicológicos em primeira pessoa nos ensina que é impossível reduzir o psicológico ao comportamental. Quando falamos “me deixe só, estou pensando”, não queremos dizer “me deixe só, estou me comportando de tal e tal modo” (WITTGENSTEIN, 1988 II, §12). Do mesmo modo, não dizemos que desejamos algo com base na auto-observação (WITTGENSTEIN, 1988 II, §3).

É também por conta dessa assimetria que o paralelismo psicofísico não faz sentido. Os conceitos que limitam fenômenos psicológicos não limitam os fenômenos fisiológicos. É por isso que não faz sentido buscar o traço neural que corresponde à memória, ao desejo ou à dor. O traço neural certamente pode possuir um papel causal no acontecimento de fenômenos psicológicos, mas não é do traço neural que falamos quando empregamos conceitos psicológicos. Nem em primeira, nem em terceira pessoa<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Glock (1998) reforça: “Os conceitos neurofisiológicos não desempenham qualquer função no modo como explicamos e aplicamos termos mentais: utilizações de termos mentais feitas em terceira pessoa baseiam-se em critérios comportamentais; usos em primeira pessoa não se baseiam em critério algum, e muito menos em critérios neurofisiológicos, muito embora faça parte de nossa visão de mundo a crença na existência de uma conexão geral entre fenômenos neurofisiológicos e fenômenos mentais” (p. 222)

Ao tomarmos a assimetria de verbos psicológicos como característica da nossa linguagem, veremos que (i) não faz sentido dizer que proferimentos psicológicos em primeira pessoa se referem ao comportamento; (ii) não faz sentido dizer que proferimentos psicológicos em primeira pessoa se referem a fenômenos neurais; (iii) proferimentos psicológicos em primeira pessoa, via de regra, não fazem referência ou descrevem algo, mas são exteriorizações (*Äusserungen*). Quais são, então, os fenômenos que os conceitos psicológicos limitam? Não se trata nem da alma/mente como um conjunto de objetos, nem do cérebro, nem do comportamento em si. Para Wittgenstein, o que o psicólogo reporta é o comportamento, mas o comportamento como manifestação do anímico. Colocando de outro modo, reporta estados anímicos através do comportamento (WITTGENSTEIN 2009b, §28-9). Isso porque conceitos psicológicos, nas palavras de Hacker (2012), possuem a face de Jano<sup>5</sup>: só são apreendidos quando se aprende o emprego em terceira pessoa, baseado no comportamento, e o emprego em primeira pessoa. O emprego em primeira pessoa não se baseia ou descreve o anímico, mas é ele mesmo, via de regra, exteriorização do anímico. Desse modo, o fenômeno psicológico possui duas faces internamente – isto é, logicamente – relacionadas: a vivência em primeira pessoa e a exteriorização comportamental<sup>6</sup>.

### 3 SOBRE A OBSERVAÇÃO DOS FENÔMENOS PSICOLÓGICOS

Nada parece mais natural que tomar o fenômeno psicológico como aquilo que o sujeito e ninguém mais percebe. Aquilo que um observador externo pode apenas inferir. Isso significa crer que observamos fenômenos psíquicos do modo como observamos fenômenos físicos: podemos isolar a atenção no objeto, percebê-lo, analisá-lo, manipulá-lo e descrevê-lo. A única diferença é que o que pertence a mim está por detrás de uma fachada externa. Nesse sentido, seria possível observar por introspecção o desejo, a crença, o medo, a dor como objetos psíquicos e reportá-los descritivamente, sendo isso a base da significação dos conceitos psicológicos. Falaria então que creio em tal e tal coisa com base na introspecção. Este seria o critério.

---

<sup>5</sup> Deus romano que possui duas faces: uma na nuca da outra.

<sup>6</sup> Antônio Marques (2014) defende que “o fenômeno psicológico, por ser vivência em primeira pessoa, não é redutível à explicação fisiológica (p. 14).

Essa imagem para a significação dos conceitos psicológicos foi a que pareceu dominar os primórdios da psicologia científica, cujo objeto seria a consciência e o método a introspecção (MANDLER, 2007). As escolhas epistemológicas e metodológicas iniciais da psicologia científica, embora em aparente conformidade com os pressupostos principais da filosofia da consciência moderna, originaram uma série de desdobramentos teóricos alternativos na medida em que críticas apareciam. Desde desdobramentos que envolviam a postulação de objetos inconscientes causadores dos estados da consciência, como desdobramentos que envolviam a negação da introspecção como método científico seguro e, por ser esse o único meio de alcançar a consciência, ela não poderia ser objeto de estudo científico, restando esse papel ao comportamento observável.

Muito embora não seja nossa função aqui examinar cada um desses desdobramentos, não é difícil reconhecer a condição de significação dos conceitos psicológicos como a referência a acontecimentos psíquicos enquanto pressuposta a parte significativa dessas variantes teóricas. E é inegável que os conceitos psicológicos manipulados cientificamente pela Psicologia, como o desejo, a crença, a emoção, a atenção, o pensamento, não são conceitos lançados por ela mesma, mas retirados do uso comum. Wittgenstein chega a dizer que os conceitos psicológicos estão para os conceitos das ciências exatas como os conceitos da medicina estão para aqueles da senhorinha que passa o tempo cuidando dos doentes (WITTGENSTEIN, 1988 II, §62). Nesse sentido, todas as imagens persuasivas que acompanham o uso cotidiano de termos psicológicos, como a imagem do que eles significam, são trazidas com o deslocamento desses termos para a conceituação científica.

A dificuldade é que, se por um lado a definição conceitual é um valor importante para a ciência, ela não é tão necessária para o uso cotidiano das palavras. Wittgenstein tematiza essa questão já no início das IF, quando coloca que, numa linguagem em funcionamento, os conceitos podem muito bem ser elásticos, inexatos, sem limites bem definidos, e sem um único caractere em comum que justifique a multiplicidade de usos que se pode fazer deles. Ou seja, ao contrário do que um platônico poderia postular, o que confere uniformidade a um conceito não é mais do que *semelhanças de família* (WITTGENSTEIN, 2009 §66-7, §75-7). Uma família pode contar com uma multidão de características que os unifique sem que todos os membros dessa família precisem contar com uma característica que lhes seja essencial.

Não se passa diferentemente com os termos psicológicos. “De onde conseguimos o conceito ‘pensar’, que queremos considerar aqui? Da linguagem cotidiana. [...] Mas o uso dessa palavra é emaranhado. [...] E isso decerto pode ser dito de todos os verbos psicológicos<sup>7</sup>” (WITTGENSTEIN, 1988, II, §20). Como um conceito cotidiano, o psicológico está envolvido em determinações gramaticais. Seu significado não poderia ser o que penso enquanto falo, ou o que recolho interiormente. Desse modo eu poderia falar “Estive imaginando você” enquanto se pensa que o Brasil venceu a Copa e crer que a primeira sentença poderia estar representando a segunda situação. Como vimos anteriormente, o significado não trata das causas da expressão tampouco ao que ela se refere, mas diz respeito ao jogo de linguagem que o normatiza. Nas palavras de Wittgenstein, a resposta para o que significa um conceito psicológico será encontrada perguntando-se “em que gênero de contexto ele ocorre” (WITTGENSTEIN, 2014 I, §14).

Se os jogos de linguagem limitam as possibilidades dos fenômenos, a análise dos jogos de linguagem psicológicos é condição indispensável para que a Psicologia possa atestar a veracidade ou falsidade de seus fenômenos. E vimos que os jogos de linguagem que normatizam os verbos psicológicos possuem um traço peculiar: a assimetria entre primeira e terceira pessoa. Para apreender um verbo psicológico devemos dominar o que conta como critério para seu emprego em terceira pessoa, que é o comportamento, bem como dominar seu uso enquanto exteriorização em primeira pessoa.

A ruptura com a concepção de significação de termos psicológicos como baseada na introspecção e na determinação causal e o deslocamento do significado para o uso contextualizado possui consequências para o que tomamos como o comportamento observado. Com Wittgenstein, não mais tomamos comportamentos, como a fala de alguém sobre o que se sente, imediatamente enquanto relatos de sua introspecção, que nos permite um acesso indireto ao seu interior. Do mesmo modo que um pensamento pode estar oculto, ele também pode estar perfeitamente manifesto para o outro, de modo que não precisamos sempre inferi-lo. Assim, o comportamento é frequentemente expressivo. E é através das expressões comportamentais que podemos dizer que alguém teve alguma vivência, porque “a gramática da vivência é construída por meio de expressões” (WITTGENSTEIN, 2009b,

---

<sup>7</sup> Essa passagem ilustra como, para o segundo Wittgenstein, o pensamento não pode mais ser tomado como uma coisa unívoca que subjaz à relação entre linguagem e realidade, mas um conjunto de fenômenos intrincados que faz jus à variabilidade do uso do conceito de “pensar”.

§224). A expressão comportamental primitiva é o *meio de apresentação* pelo qual a vivência é inserida na linguagem. Desse modo, a vivência não causa sua expressão, mas ela mesma possui uma face exterior, sendo impossível identificar completamente aquilo que é interior como o que está oculto e o exterior como o manifesto. O interior está manifesto através do exterior. O anímico está manifesto através do comportamento: o acessamos diretamente.

É por isso que ver, pensar, querer, sentir, ouvir não são objetos da Psicologia no mesmo sentido que os movimentos dos corpos são objetos da Física. “Os físicos veem, ouvem, pensam sobre e nos informam dos fenômenos, e o psicólogo observa as exteriorizações (o comportamento) do sujeito” (WITTGENSTEIN, 2009a, §571). Por possuir um objeto muito particular, especialmente distinto do da Física, a Psicologia certamente errará se partir para a experimentação imitando metodologias de outros procedimentos científicos e ignorando o emaranhamento conceitual em que está envolvida. É por isso que a razão da infertilidade identificada na Psicologia no período da escrita das IF não se deve ao fato dela ser uma ciência jovem<sup>8</sup>, como a Física um dia foi, mas se deve à tentativa de experimentação em meio a uma confusão conceitual, na esperança de que os resultados dos experimentos desemaranhem os conceitos (FPF, §371). A análise conceitual não pode ser desprezada.

Uma análise panorâmica dos conceitos psicológicos, como Wittgenstein empreende nas OFP, mostra que os fenômenos psicológicos não são redutíveis a estados da consciência. Nem todos os conceitos psicológicos possuem como critério expressões de experiências temporárias, que possuem o que Wittgenstein chama de *duração genuína*. É assim com a visão, a audição, representações mentais, a dor, a impressão sensorial, mas não se passa do mesmo modo com a dúvida, a crença, o amor, a certeza etc. Esses últimos conceitos se caracterizam por fenômenos que se manifestam em intervalos, de maneira mais ou menos persistente em certos estados psicológicos, sem por isso serem eles mesmos estados psicológicos (TER HARK, 1999). Wittgenstein os chama de disposições. Há ainda conceitos psicológicos que não se encaixam nessas duas categorias, como a compreensão, o conhecimento, a volição e a expectativa. Wittgenstein trata dos dois primeiros como habilidades, que podem contar com vivências características, mas são completamente irreduzíveis a elas. Essas habilidades se caracterizam pelo domínio de uma técnica. Para os

---

<sup>8</sup> Hipótese defendida por Köhler (1968) na *Psicologia da Gestalt*.

dois últimos conceitos Wittgenstein não prevê uma categoria, mas Ter Hark (1999), que comenta sua obra, os chama de atividades mentais<sup>9</sup>.

É preciso não tomar as análises wittgensteinianas como meios para uma classificação definitiva dos conceitos psicológicos. O objetivo não é a completude, mas a oferta de uma visão panorâmica (*Übersicht*) que nos permita enfrentar obscuridades conceituais (WITTGENSTEIN, 2009b, §202; IF, §122). Desse modo evitaremos partir para a experimentação com o pressuposto irrefletido de que o fenômeno psicológico é uma coisa unívoca. Bem como, perceberemos a falta de sentido do pressuposto de que o conceito psicológico representa um objeto interior. Uma análise conceitual que exiba com quais critérios contamos para atribuir um estado psicológico a alguém, nos permitindo compreender como opera a gramática psicológica, também permitirá que saibamos o que precisa ser observado num procedimento científico (WITTGENSTEIN, 2009a, §572).

Uma característica que chama a atenção nos conceitos psicológicos é que muitos deles dependem para seu emprego de critérios exclusivamente linguísticos. Enquanto que os jogos de linguagem que envolvem os estados da consciência possuem expressões primitivas que em alguma medida precedem a linguagem, podendo posteriormente ser substituídas por expressões verbais, outros jogos de linguagem limitam fenômenos apenas identificáveis em seres que dominam nossa linguagem. Esse é o caso da esperança, mencionada previamente, assim como do luto. Wittgenstein trata especificamente desses dois conceitos, mas outros podem ser identificados, como a saudade. Esses conceitos não possuem uma expressão comportamental primitiva a ser substituída por uma exteriorização verbal. Apenas padrões complicados de comportamento funcionam como critério para empregarmos esses conceitos em relação a outrem, e as exteriorizações características de tais fenômenos precisam ser linguísticas. Para que isso seja possível, é preciso que esses jogos de linguagem estejam baseados em outros jogos de linguagem que contam com expressões primitivas. Ter Hark (1999) chama essa relação de relação vertical entre jogos de linguagem. Quanto ao jogo de linguagem que está na base, ele sim requer uma expressão comportamental primitiva característica, ou seja, expressões pré-linguísticas precisam estar relacionadas horizontalmente, servir de critério para o seu funcionamento.

---

<sup>9</sup> Tendo por base a seção §836 das OFP I, Schulte (2003) coloca todas essas categorias sob o jugo da categoria mais ampla de *vivência*.

Um desses jogos de linguagem de segunda ordem possui maior ênfase nos escritos wittgensteinianos, sobretudo nos UE: a dissimulação. O domínio desse jogo de linguagem torna a observação mais complicada, pois alguém pode simular, por exemplo, caretas e gritos de dor sem sentir dor, assim como suprimir todas essas expressões características enquanto sente dor e negar que a sente, caso seja perguntado. A dissimulação tem um papel de contraexemplo importante na literatura wittgensteiniana: ela aparece como um argumento forte para que, em última instância, apenas o próprio sujeito saiba se tal fenômeno psicológico se passa nele e observadores externos podem sempre ser enganados.

Todavia, a dissimulação, como um conceito psicológico, precisa ela mesma ser submetida à análise conceitual. E quando, analisada, ela aparece como um caso particular: “só em circunstâncias particulares podemos interpretar um comportamento como dissimulação” (WITTGENSTEIN, 2014 I, §252). Isso significa que é necessário perceber ou imaginar um contexto mais amplo para que o comportamento de dor de alguém seja tomado como um fingimento. Suponhamos que alguém leve um tiro e passe a se contorcer de dor no chão com a perna sangrando. Teríamos razões para crer que se trata de fingimento? Apenas com evidências contextuais muito explícitas justificaríamos tal crença, como se víssemos que se tratava de uma arma falsa, balas de festim e seu sangue, tinta vermelha. Ou então se se tratasse de uma cena de filme ou num teatro. Por se tratar de um jogo de linguagem de segunda ordem em relação ao da dor, o jogo do fingimento de dor requer um contexto mais amplo e o aprendizado do jogo de linguagem que está na sua base (WITTGENSTEIN, 2014 I, §861). É por isso que não tomamos o comportamento de dor de um cachorro ou de um bebê como fingidos: muito precisa ser aprendido antes que se possa fingir.

A possibilidade de dissimulação, portanto, não faz com que fenômenos psicológicos sejam impassíveis de observação por terceiros. Ela apenas enfatiza que toda expressão comportamental possui uma relação interna com seu contexto. Apenas poderemos enxergar significado num comportamento se o enxergamos sob o pano de fundo do seu contexto imediato, da sua função no fluxo da vida do sujeito e da forma de vida em que aquela comunidade verbal está inserida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação direta por terceiros dos fenômenos psicológicos de um sujeito, como vemos ser possível a partir da filosofia de Wittgenstein, no entanto, não remove as ambiguidades que envolvem tratar da alma humana. Os jogos de expressão que permitem o ocultamento de certas características psicológicas e produzem a imagem de um “interior” são parte fundamental da nossa forma de vida. Em relação aos estados anímicos de outrem, existe uma incerteza constitutiva (WITTGENSTEIN, 1988 I, §141; OFP II, §657). Esse é um dos pontos pelos quais Wittgenstein acredita que sempre haverá indeterminação quando se trata de atribuir um fenômeno psicológico a alguém. Essa indeterminação é, na verdade, o que explica o uso da palavra “anímico” (WITTGENSTEIN, 2014 II, MS 173, §12). Se todas as manifestações exteriores das pessoas fossem unívocas, as noções de alma, mente, psiquismo, interior, não possuiriam o emprego que possuem. É apenas por não haver regularidade exata no nosso padrão de vida e nossas expressões serem multívocas que o psíquico se desenvolve como um jogo de expressão. A ciência ou o conhecimento de fenômenos psicológicos é possível, mas nem por isso é fácil. Afinal de contas, “nosso comportamento é complicado como o diabo” (WITTGENSTEIN, 2014 II, MS 169, §271).

Ensaio recebido em: 12/04/2023

Ensaio aceito em: 22/08/2023

Ensaio publicado em: 24/12/2023

## REFERÊNCIAS

- CHILD, William. The Inner and the Outer. In: GLOCK, Hans; HYMAN, John. A Companion to Wittgenstein. Chichester: Wiley-Blackwell, 2017. p. 269-278.
- COFFA, J. Alberto. The Semantic Tradition from Kant to Carnap. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- FREGE, Gottlob. Investigações Lógicas. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002a. p. 9-40.
- FREGE, Gottlob. O Pensamento: Uma Investigação Lógica. In: FREGE, Gottlob. Investigações Lógicas. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002b. p. 9-40.
- FREUD, Sigmund. Obras Completas - Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GLOCK, Hans-Johann. Dicionário Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- HACKER, Peter. The Relevance of Wittgenstein's Philosophy of Psychology to the Psychological Sciences. In: STEKELER-WEITHOFER, Pirmin. Wittgenstein: Zu Philosophie und Wissenschaft. Editora Meiner, F; Auflage: 1. Vol. 3, 2012. p. 205-223.
- KÖHLER, Wolfgang. Psicologia da Gestalt. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1968.
- MANDLER, George. A History of Modern Experimental Psychology: From James and Wundt to Cognitive Science. Massachusetts: MIT Press, 2007.
- MARQUES, Antônio. O Interior: Linguagem e Mente em Wittgenstein. São Paulo: Editora Loyola, 2017.
- MULINARI, Filício. Contra uma Leitura Expressivista de Wittgenstein. Kínesis, Vol. X, nº 23 (Edição Especial), Julho 2018, p. 56-70.
- OLIVEIRA, Wagner T. A Filosofia da Psicologia e a Gramática da Certeza em Wittgenstein. Tese (Doutorado em Filosofia). UFBA, 2014.
- OLIVEIRA, Wagner T. Instinto, Impertinência da Dúvida e Forma de Vida. In: RODRIGUES, Cassiano Terra (Org). Arley Morenum Liber Amicorum. São Paulo: FiloCzar, 2020.
- RODRIGUES, Cassiano Terra (Org). Arley Morenum Liber Amicorum. São Paulo: FiloCzar, 2020.

SCHULTE, Joachim. Experience and Expression: Wittgenstein's Philosophy of Psychology. Oxford: Clarendon Press, 2003.

SLUGA, Hans. Gottlob Frege. New York: Routledge, 1980.

STEKELER-WEITHOFER, Pirmin. Wittgenstein: Zu Philosophie und Wissenschaft. Editora Meiner, F; Auflage: 1. Vol. 3, 2012. p. 205-223.

TER HARK, Michel. Beyond the Inner and the Outer: Wittgenstein's Philosophy of Psychology. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1990.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Philosophische Untersuchungen/Philosophical Investigations. 4<sup>a</sup> ed. Blackwell Publishing, 2009a.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Philosophy of Psychology – A Fragment. In: WITTGENSTEIN, Ludwig. Philosophische Untersuchungen/Philosophical Investigations. 4<sup>a</sup> ed. Blackwell Publishing, 2009b. p. 182-244.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Remarks on the Philosophy of Psychology, Vol. I e II. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Últimos Escritos Sobre a Filosofia da Psicologia. 2<sup>a</sup> ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.